

## A experiência total da leitura literária

Leonardo Pinto de Almeida<sup>1</sup>

---

A experiência total da leitura literária

### RESUMO

O presente artigo parte do pressuposto de que o espaço literário é um espaço de ressonância para construir uma reflexão sobre a leitura literária. Como a literatura é uma exploração de questões existenciais focadas pelo escritor, ela se contrapõe ao dogmatismo, à sistematicidade e à seriedade. O perspectivismo suscitado pelo espaço literário convida o leitor a um engajamento particular com o texto. A leitura literária é uma experiência intensa em que o leitor está tão comprometido com a produção de sentido quanto o escritor no ato da escrita. Assim, a partir do pensamento de Blanchot, conceituamos essa experiência intensa como a experiência total do ler. Ela se diferencia de outras leituras, como a teórica e a informacional, por se caracterizar pelo acolhimento, pela ignorância e pelo entendimento. Ela é contrária à vontade de verdade. Esta análise aponta para a experiência total do ler literário como fruto do espaço de ressonância produzido entre o corpo do leitor e o texto.

**Palavras-chave:** Leitura; Experiência; Literatura.

---

The total experience of literary reading

### ABSTRACT

The paper presents literary space as a resonance space to conduce reflections about literary reading. As the literature is an exploration of existential issues focused by the writer, it is opposed to dogmatism, systematicity and seriousness. The perspectivism raised by literary space invites reader to a particular engagement to the text. Literary reading is an intense experience in which the reader is so committed to meaning production as well as the writer in literary writing act. Thus, from Blanchot's thought, we conceptualize such intense experience as the overall experience of reading. It differs from other readings, like informational and theoretical, because it is characterized by hosting, ignorance and understanding. It is contrary to the will of truth. This analysis points to the overall experience of literary reading space as a result of resonance produced between the reader's body and the text.

**Keywords:** Reading; Experience; Literature.

La experiencia total de la lectura literaria

## RESUMEN

Este artículo parte de la idea que el espacio literario es un espacio de resonancia para construir una reflexión sobre la lectura literaria. Como la literatura es una exploración de cuestiones existenciales planteadas por el escritor, ella se opone a la intolerancia, a la sistematicidad y a la seriedad. El perspectivismo planteado por el espacio literario invita al lector a un compromiso particular con el texto. La lectura literaria es una experiencia intensa en la que el lector está tan comprometido con la producción de sentido como el escritor con el acto de escribir. Por lo tanto, desde el pensamiento de Blanchot, conceptuamos esta experiencia intensa como la experiencia total del leer. Ella se diferencia de otras lecturas, como la informativa y la teórica, por caracterizarse por el acogimiento, por la ignorancia y por la comprensión. Es contraria a la voluntad de verdad. Este análisis apunta a la experiencia de la lectura literaria como resultado del espacio de resonancia producido entre el cuerpo del lector y el texto.

**Palabras clave:** Lectura; Experiencia; Literatura.

---

## A experiência total da leitura literária

Em artigo sobre John dos Passos, contido em *Situations I*, Sartre (1947) afirma: “um romance é um espelho: todo mundo diz. Mas o que é ler um romance? Eu penso que é saltar no espelho” (Sartre, 1947, p. 14). Como a **Alice** de Lewis Carroll<sup>1</sup>, o leitor, ao se defrontar com um texto literário, se encontra do outro lado do espelho. Ele é jogado nessa zona intermediária entre seu corpo e o livro. Essa experiência empurra o leitor para um espaço que pode modificar sua relação com o mundo que o circunda, já que sempre há a possibilidade de o sujeito voltar transformado do país dos espelhos, onde tudo é visto de forma diferente.

Piegay-Gros (2002), analisando a especificidade da leitura literária, salienta que:

Ler por ler, esta poderia ser a divisa da leitura literária. Mas o que significa esta expressão? Certamente, [...] uma experiência intensa, mais rica, no curso da qual o leitor ele mesmo se encontra modificado – e não só informado. Mas uma tal leitura não se decreta. Ela não é somente uma técnica, nem mesmo um dom. É de uma arte que se trata – uma arte de ler. Esta leitura não coincide totalmente nem com a leitura corrente nem com a leitura profissional (esta do crítico) (p. 14).

Ler por ler seria uma das marcas da leitura literária. Essa caracterização da leitura se aproxima da máxima de Wilde (1995) que sublinha a inutilidade da arte. A partir dessa ideia de Oscar Wilde, poderíamos afirmar que, se a literatura não tem função aparente, sua leitura não seria abalizada por nenhum fim preexistente. A leitura literária é uma **experiência intensa** que se distingue de outras formas de leitura possíveis, por não ter a informação como fim e objetivo de sua experiência.

Através da reflexão feita neste artigo, tracejaremos um modo de compreensão acerca da especificidade da leitura literária. Para analisar a leitura, partimos do pressuposto teórico que indica a literatura como espaço de ressonância. Esse espaço, em sua relação com a leitura, a viabiliza como experiência total. Definir a leitura literária como experiência total a aproxima do entendimento, do acolhimento e da ignorância.

Esses conceitos blanchotianos sustentam a afirmação de que a leitura literária é uma experiência intensa, já que o leitor está totalmente comprometido com a criação de sentido mediante encontro produzido entre seu corpo e o livro.

Em **O Espaço Literário**, Blanchot (1987) afirma que

o livro que tem sua origem na arte não tem sua garantia no mundo, e quando é lido, nunca foi lido ainda, só chegando à sua presença de obra no espaço aberto por essa leitura única, cada vez a primeira e cada vez a única (p. 195).

A literatura não teria nenhuma garantia, nenhum fim fora de seu espaço de experiência. E por não haver nada que sustente a leitura da obra literária, ela seria uma experiência de intensidade singular.

Os textos não literários, por terem seu fim fora da experiência, já seriam lidos, dissecados, glosados, antes mesmo de a leitura efetiva ocorrer, pois os protocolos de leitura que direcionam a experiência do ler são numerosos em se tratando desses textos (Chartier, 2001). Eles sofrem, por assim dizer, de uma “rede solidamente tecida de significações determinadas” (Blanchot, 1987, p. 194). Esses textos têm sua garantia no mundo, por isso já são lidos antes mesmo de serem lidos – ou melhor, seu sentido preexiste à experiência, seu sentido já habita o mundo.

Blanchot (1969) apresenta bem essas características divergentes, quando ressalta a relação dinâmica entre leitura e espaço literário, caracterizando a experiência total do ler como fruto do espaço de ressonância produzido entre o corpo do leitor e o texto. A produção de sentido, o acolhimento, o entendimento, afetam o sujeito, e é nesta afetação que o corpo é submetido à experiência. O leitor é uma espécie de diapasão da experiência, pois nele ressoa o tilintar das forças ativas e reativas que caracterizam o campo experiencial da leitura literária. Ele é atravessado pelo próprio paradoxo da linguagem: o de estar submetido a potências criativas e aprisionadoras ao mesmo tempo. Poderíamos enfatizar que a leitura literária não desvela uma verdade, mas coloca as verdades em questão; ou, ainda, que ela tem como um de seus objetivos o de ser contaminada pelo questionamento das convicções e das regras que nos cercam.

No artigo de Piegay-Gros (2002) citado acima, percebemos que a leitura literária, mesmo tendo seu fim em si mesma, produz algum tipo de informação ao leitor – informações necessárias à própria compreensão do escrito. Entretanto, uma das coisas mais fundamentais na leitura de uma obra literária seria a possibilidade de mudança do sujeito que lê. Todavia, essa modificação não está dada de antemão. Ela é uma tarefa que requer um modo particular de acolhimento do objeto de leitura, pois existem leitores que apreendem a literatura da mesma forma que entendem textos informacionais. Não podemos ser ingênuos e defender que essa forma de leitura literária sempre ocorre, pois ela depende da qualidade de relação estabelecida entre o corpo do leitor e o escrito.

Barthes (1984) bem o diz, em **Rumor da língua**: “ler é trabalhar o nosso corpo” (pp. 41-42). Entendemos essa máxima como uma afirmação de como a leitura marca o leitor através de sua relação com o escrito. Essa experiência intensa marca o corpo do leitor por evocar elementos vividos por este, no momento peculiar da leitura que torna possível a transformação de letras mortas em sentido. É curioso pensarmos como a obra recebe e dá vida ao leitor no momento da leitura, tanto quanto obtém e doa existência ao escritor no ato da escrita (Almeida, 2009). Daí, o surgimento de modificações subjetivas no leitor. Assim, poderíamos afirmar que a alteridade, evocada por Kundera (1993) em **Les Testaments Trahis**, aponta para uma característica curiosa na leitura literária: o espaço literário convoca o leitor a tornar-se um outro em seu contato com o livro, pois este o convida a prosseguir com o pensamento em um ato de implicação subjetiva que o faz delirar junto ao espaço aberto pelo texto.

Em *L'Entretien Infini*, ao analisar a experiência total do ler, Blanchot (1969) se interroga sobre a relação do leitor com a literatura.

Mas talvez o leitor compreenda de uma maneira diferente: não subindo na direção de um saber vulgarizado, mas descendo calmamente na direção das ressonâncias que despertam nele o poema (isto é, se acrescentando à imagem, ao ultrapassá-la, através das realidades já vividas de seu mundo)? (Blanchot, 1969, p. 470)

Nesse texto, Blanchot (1969) mostra que o atravessamento do espaço literário, mediante a leitura, seria um acontecimento que mergulha o leitor em um espaço de ressonância. Esse seria um espaço que convoca o leitor a trabalhar sobre as letras mortas da obra para dar sentido a elas com ajuda de componentes do seu próprio vivido. Todavia, podemos salientar que esses componentes já vividos pelo leitor são invocados pela experiência de entendimento do escrito. Esses elementos ressurgem na ação do ler. Eles se manifestam como se fossem criados pela própria leitura, mas são justamente aquilo que caracteriza a apreensão de um texto. Essa seria uma das formas de manifestação da liberdade leitora.

Chartier concorda com esse fato de que o leitor apreende o texto através “de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais” (Chartier, 2001, p. 20). Essas referências se colam ao texto nesse processo de entendimento. Uma importante noção nos estudos da leitura, a qual se encaixa com esse processo de entendimento do leitor e sua relação com o vivido, é a noção de biblioteca. Goulemot (2001), em **Da leitura como produção de sentidos**, salienta que, na leitura, não só os vividos são evocados, mas também a memória relativa às leituras passadas e aos dados culturais apreendidos no decorrer da vida. Estes, como os vividos apontados por Blanchot, fazem parte do processo de entendimento do texto literário. Observa-se, com isso, que é dessa maneira que se dá vida à obra através da leitura. As existências da obra e do leitor são mutuamente dependentes. Porém, quais seriam as características desse encontro da leitura com o espaço literário?

Blanchot (1969) entende a experiência leitora como um acolhimento da palavra que dá à luz a própria literatura no processo de escrita. Da palavra que vem do encontro com o fora da linguagem, com o abismo das palavras, com o processo de *désœuvrement*. A leitura é acolhimento, ignorância e tarefa de entendimento.

Um ponto importante a ser assinalado é a diferenciação, feita por Blanchot (1969), entre o entendimento e a compreensão. A diferença sutil aqui evocada marca justamente a caracterização do acolhimento leitor na experiência total do ler e da apropriação interpretativa do texto literário. Ele aponta que o trabalho do intérprete estaria associado à compreensão do texto. Esse processo seria essencialmente redutor, associando o irredutível da criação literária a arquétipos dormentes, forças profundas e valores enraizados. Poderíamos, ainda, utilizando os argumentos contidos em **Lógica do Sentido**, de Deleuze (2000), afirmar que a compreensão ou o trabalho do intérprete visaria desvelar as profundidades do romance. Já o entendimento estaria ligado à superfície da experiência leitora. O acolhimento, assim, não objetivaria reduzir a experiência com ajuda de moedas valorizadas por um saber qualquer. Desse modo, o acolhimento estaria mais próximo da afirmação, da superfície, do entendimento e da ignorância (por não se contentar em reduzir a leitura a um saber qualquer) do que da reação, da profundidade, da compreensão e da sapiência. O entendimento seria mais como uma adequação do corpo do leitor à ressonância experiencial, enquanto a compreensão seria um enquadramento explicativo da leitura. Um representaria a esfera imanente do sentido, e o outro, a esfera interpretacional.

A leitura é ignorante. Ela começa com isto que ela lê e descobre, por este meio, a força de um começo. Ela é acolhimento e entendimento, não é poder de decifrar ou de analisar, de ir além se desenvolvendo ou de retornar deste lado se desnudando; ela não compreende (propriamente dizendo), ela entende. Maravilhosa inocência (Blanchot, 1969, pp. 468-469).

Em **Kafka. Pour une littérature mineure**, Deleuze e Guattari (1975) apresentam uma ideia do que seria a compreensão, em contraposição ao acolhimento leitor. Segundo eles, a interpretação e a compreensão – no sentido blanchotiano dos termos, assinalado acima – passam por uma busca e uma elaboração explicativa das obras literárias a partir de arquétipos, de associações livres, de estruturas e de movimentos de interpretação. Nesse livro, em que apresentam sua leitura da obra de Franz Kafka, os pensadores franceses aproximam todos esses fatores do processo de captura implementado pelas tentativas de explicar a obra do autor tcheco.

Nós não tentamos achar arquétipos que seriam o imaginário de Kafka, sua dinâmica ou sua fábula. [...] Nós também não procuramos associações ditas livres. [...] Nós não buscamos mais interpretar e dizer isto ou aquilo. Mas, sobretudo, nós procuramos ainda menos uma estrutura com oposições formais e significantes prontas. [...] Porque nós não vemos muita diferença entre todas estas coisas (Deleuze & Guattari, 1975, p. 14).

Essa passagem apresenta, de forma sucinta, a dinâmica da compreensão que tenta explicar e ler a obra a partir de valores pré-formados, enraizados, que calam o espaço de ressonância da leitura, contrapondo-se ao que Blanchot chama de acolhimento leitor.

Paul de Man (1966), ao comentar a obra crítica de Blanchot, salienta que esse acolhimento não acrescenta interpretações à obra. Essa forma de leitura tem como objetivo 'escutar' a obra no interior mesmo da experiência do ler, pois "a obra literária não tem aqui, aos olhos do leitor, nenhuma existência independente disto que se constitui na interioridade da leitura" (De Man, 1966, p. 548).

A interioridade da experiência aqui evocada, junto ao trabalho de Paul de Man, é uma boa metáfora para facilitar a compreensão do que acontece na leitura. No entanto, ela traz consigo um complicativo: o leitor está mergulhado no espaço de ressonância aberto pela experiência leitora. Contudo, a noção de interioridade produz uma dialética desnecessária e imprópria em se tratando de uma compreensão desse espaço de ressonância, pois na experiência total do ler não há nem interior, nem exterior, e não existe nem primazia do psiquismo do leitor nem da intencionalidade do texto ou do escritor.

A leitura literária encena alguns paradoxos, sendo um deles o de ser o leitor guiado pela intencionalidade do texto e livre para criar o seu sentido através de sua apropriação leitora, ao mesmo tempo. O que caracterizaria então essa experiência singular do espaço literário? Quando o espaço literário é atravessado pela leitura, um campo experiencial imanente surge desse encontro da linguagem com a morte e mergulha, dessa forma, o sujeito nesse espaço paradoxal em que forças coercitivas e criativas atuam ao mesmo tempo. Nesse campo experiencial, observamos pelo menos duas esferas imanentes à experiência: a esfera subjetiva e a esfera de sentido. No entanto, elas representam uma cena paradoxal, pois, se nenhuma delas tem primazia sobre a experiência, as duas determinam e são determinadas pela leitura ao mesmo tempo.

Interpretar seria precisamente separar a leitura de sua experiência. A leitura literária se caracterizaria, então, como um ato inseparável da história que ela acolhe.

Quando somos levados pela experiência leitora, somos convidados a nos aventurar em um território anteriormente desconhecido. O encontro com o objeto literário produz muitas descobertas. Como afirma Blanchot (1969), somos seduzidos por um canto que devemos acolher, não objetivando apreendê-lo segundo as lógicas do reducionismo analítico. Poderíamos acrescentar que a análise é uma tarefa suplementar, ou ainda, uma prótese em relação à experiência. Assim, usamos desse artifício para darmos um meta-sentido à experiência de abandono e de ignorância ligados à apreensão da literatura. Estamos abandonados, pois nessa experiência não há nada

além da leitura. Somos ignorantes porque não existe nada fora do espaço experiencial da literatura que sirva para sustentar nossa leitura. Na experiência total do ler, não compreendemos, não analisamos, não somos sábios, somos ignorantes, estamos abandonados à tarefa de entender e de ouvir o rumor do abismo das palavras. O leitor acolhe a obra dando vida às letras mortas contidas no livro, porém ele é acolhido por ela do mesmo modo. Assim, o leitor e a obra passam a existir. Suas existências dependem do campo experiencial em que interagem. Eles são interdependentes.

Ignorância, acolhimento, abandono, liberdade e afirmação seriam características que atravessam o espaço literário no movimento da experiência total do ler. Esse acolhimento não seria qualquer um. O acolhimento remete a certa inocência. O leitor está abandonado nessa tarefa, já que na experiência total do ler não há diretrizes para o entendimento. Essa experiência aponta para um abandono das palavras transcendentais. O leitor ignora o que o espera. Ele deve acolher o livro de uma forma que o faça se tornar aquilo que realmente a obra é. A obra é o espaço de ressonância em que forças criativas e reativas atuam. A leitura literária, em seu modo singular de acolhimento do texto, torna-se destino ao longo dessa experiência, porque tanto a obra quanto o leitor tornam-se aquilo que são através dela. Existe um *amor fati* no seio da experiência total do ler. Esse espaço aberto pela experiência da leitura literária, em que tanto a obra quanto o leitor são acolhidos por esse campo ressonante, possibilita modificações subjetivas e criações de sentido. Nesse campo imanente, o espaço não estaria entre o leitor e a obra. Não há separação entre leitor, obra e espaço de ressonância. A separação será uma invenção posterior derivada da tentativa transcendente de explicar a experiência.

Esse *amor fati* da leitura literária decorre de um modo de apresentação da atividade leitora. Muitas vezes, em nosso encontro com o livro, somos mudados por aquilo que lemos. Ao longo dessa experiência, encontramos-nos mergulhados completamente e acolhemos as palavras impressas como se fossem o nosso próprio destino.

O leitor, ao escutar a obra – ao escutar o clamor do fora –, é seduzido de tal forma por ela que passa a se encontrar em uma experiência intensa, vivenciada como fundamental, cujo comprometimento e engajamento se parecem com os do escritor na experiência de escrever literatura. É justamente por isso que essa experiência de leitura é uma experiência total. Esse encontro não é sentido como um dever, mas como um destino. Essas duas experiências – escrita e leitura – são sinuosamente convergentes.

Uma imagem da leitura, evocada por Borges, em uma de suas aulas de História da Literatura, quando era professor de Literatura Inglesa na Universidade de Buenos Aires, aproxima-se da ideia dessa forma de acolhimento da leitura literária. Ao ser indagado sobre referências relativas às bibliografias dos autores da literatura, ele respondeu o seguinte aos seus alunos:

Por que vocês não estudam diretamente os textos? Se eles os agradarem, bem; e se não, deixem-nos, já que a ideia da leitura obrigatória é uma ideia absurda: tanto valeria falar da felicidade obrigatória. Creio que a poesia é algo que se sente, e se vocês não sentem a poesia, se não têm sentimento da beleza, se um relato não os leva ao desejo de saber o que ocorreu depois, o autor não escreveu para vocês. Deixem-no de lado, pois a literatura é bastante rica para oferecer-lhes algum autor digno de sua atenção, ou indigno hoje de sua atenção e que lerão amanhã (Borges, 1995, p. 107).

O que retirar desta conversação de Borges com seus alunos? Podemos pensar, com o autor argentino, que a leitura da obra literária nos apresenta muitas surpresas, muitas formas de possibilidades e que nem sempre um livro recomendado usufrui o acolhimento desejado. O encontro com a obra literária produz um relacionamento bastante intenso. Ao lermos, acolhemos certa obra de forma particular, como se ela fosse escrita justamente para que eu a leia. Esse tipo de acolhimento e de afirmação

do texto que nos aparece está no cerne dessa ideia de uma leitura que se torna destino. Mas, como mostra Borges, uma obra pode ou não produzir isso, e somente lendo é que saberemos. A necessidade de ler é produzida pela leitura, e não o contrário.

Para ilustrar melhor essa ideia, podemos evocar o belo encontro com as palavras escritas narrado no filme **Hurricane** (Jewison, 1999), quando um garoto, em sua escolha do primeiro livro, depara-se com um texto escrito por um boxeador negro preso injustamente – Rubin “Hurricane” Carter. Por causa desse encontro, o menino troca correspondências com o boxeador e suas vidas são transformadas, a ponto de o garoto e seus amigos canadenses mudarem para os Estados Unidos e tentarem retirar o boxeador da cadeia. Essa leitura mudou vidas, e, no caso, é desse potencial de mudança que podemos retirar uma das características do acolhimento leitor. No entanto, sabemos que encontros como esses são raros.

Esse tipo de encontro no seio da linguagem nos remete a outro problema salientado por Blanchot (1969). A experiência literária, como uma ação ligada à morte de Deus, é uma tarefa sem fim, na qual o exercício da liberdade é iminente. A obra literária exige sempre do leitor que ela seja lida como nunca foi antes. No entanto, como entender esse acolhimento não como uma análise dos elementos da obra literária, mas sim como um entendimento proveniente de uma experiência intensa de leitura?

A linguagem possui seus hábitos, seus automatismos, suas sombras de Deus.

A questão da liberdade na leitura literária se assemelha à vida; ela remete à seguinte afirmação: a liberdade é situada, conquistada, ela é fruto de uma ação. Ao contrário do que costumamos pensar, a liberdade não precede às suas manifestações. Ela passa a existir no próprio ato. Todavia, o exercício da liberdade é algo raro, pois nós, homens, somos guiados na maior parte de nossas vidas por automatismos que chamamos comumente de hábitos. A liberdade se manifesta quando quebramos, mesmo que por um momento ínfimo, nossos padrões comportamentais e mentais.

A literatura é um espaço que possibilita o exercício da liberdade, pois, diferentemente de outras formas de escrita, ela coloca em questão justamente nossos padrões sociais e linguísticos.

Podemos exemplificar o questionamento literário a partir de um conto de Dostoiévski (1996), intitulado **Uma História Lamentável**. Essa é a história dos infortúnios de um homem de convicções liberais. O conto começa com um encontro entre três generais na casa recém-adquirida de Stepán Nikiforovitch Nikifov, em *Petersburg Prospekt*. Nesse encontro dos generais Stepán Nikifov, Semión Ivanóvitch Chipulínko e Iván Ilítch Pralínskii, comemorava-se, ao mesmo tempo, o aniversário e a mudança do primeiro para a nova casa. Todavia, a história lamentável, ilustrada por esse texto de Dostoiévski, refere-se ao general mais novo dos três: Iván Ilítch Pralínskii. Nesse modesto festejo, houve uma discussão acalorada sobre política, em que se viu o Sr. Pralínskii como defensor de reformas liberais na Rússia. Ele defende, entre outras coisas, a proximidade aos subalternos. Os dois generais mais velhos discordam de seu posicionamento, apontando a ingenuidade de suas ideias. Afinal de contas, o jugo hierárquico na antiga Rússia se manifestava por toda a sociedade.

Saindo embriagado da casa do Sr. Nikifov, Iván Ilítch, ao caminhar ao longo da avenida, depara-se com um casamento. Observa a festa e descobre ser o casamento de um de seus subalternos. Tomado pela ideia de comprovar a possibilidade de agir segundo seus ideais, entra na festa para cumprimentar os noivos. O ocorrido na festa de casamento, após a chegada do general, é justamente aquilo que deu nome ao livro: **Uma História Lamentável**, pois seus subalternos não estavam preparados para lidar naturalmente frente a um general, que, assim, acabou por estragar a festa.

Nesse conto, Dostoievski põe em questão os ideais antigos e liberais surgidos na Rússia de seu tempo. Todavia, quando lemos esse livro, somos levados ao questionamento de nossos padrões sociais e culturais, os quais se aproximam, e muito, dos expressos no texto do autor russo.

A leitura de uma obra literária nos convida a lidar com os padrões que nos cercam e que regem nossa vida. Isso acontece, pois, no seio da experiência total do ler, vemos claramente uma tensão entre liberdade e automatismos.

No entanto, como indica Piegay-Gros (2002), essa leitura mais livre não está dada, pois os hábitos de linguagem, seus automatismos, também atuam sobre o espaço literário. Logo, a liberdade se manifesta em raros momentos. É a mesma dinâmica relacionada ao problema da vivência radical do abismo da linguagem. Nós sabemos que essa forma de vivenciar a morte de Deus não está dada, pois modos de existência que visam obliterar essa radicalidade atravessam o horizonte da vida moderna. Por esse motivo, tanto a experiência total da escrita quanto a leitura literária são tarefas sem fim – decorrentes de uma atitude que não leva em conta nenhuma tradição transcendente à experiência. Essa tarefa sem fim, Piegay-Gros (2002) chamou de arte do ler. E é precisamente essa forma de acolher a alteridade, expressa no questionamento literário, que proporciona quebras do automatismo languageiro, ligadas aos movimentos redutores de compreensão.

Para ilustrar essa dinâmica entre os automatismos e o encontro radical que foge ao hábito, podemos nos valer de um exemplo contido em **A insustentável leveza do ser**, de Milan Kundera (1983).

Para lidar com a tensão que sentia em relação às mulheres, entre o medo e o desejo, Tomas construiu sua vida amorosa sob o conjunto de convenções que chamava de amizade erótica. As regras, convencionadas por ele, regiam, desse modo, sua relação com suas amantes. Tomas tentava afastar o amor de sua vida. Entre as regras da amizade erótica estavam o intervalo temporal entre os encontros e, o mais importante, o fato de não dormir jamais com suas amantes.

No entanto, conheceu Tereza em um bar. Ela vinha do interior. Tomas levou-a para sua casa e cedeu-lhe um quarto mediante aluguel para, desse modo, não fugir dos padrões regidos pela amizade erótica. Mas o extraordinário foi o que lhe ocorreu após uma noite com Tereza. Tal acontecimento quebrou os padrões criados por ele para afastar o amor de sua vida. Kundera apresenta esse momento da seguinte forma: "Portanto, qual não foi sua surpresa quando acordou com Tereza segurando sua mão! Olhou-a e custou a compreender o que estava acontecendo. Evocou as horas que tinham se passado e acreditou respirar o perfume de uma felicidade desconhecida" (Kundera, 1983, p. 19).

Nessa história, podemos perceber como Tomas foi surpreendido. Ele foi tomado por um acontecimento que fugia às regras da amizade erótica. Esse momento lhe causou um sentimento que precedeu a compreensão do que lhe acontecia. Acordar com sua mão entrelaçada à de Tereza seria o começo do amor entre os dois.

Como nesse exemplo, a leitura, muitas vezes, nos reserva surpresas como essa. Quando estamos mergulhados no ato de ler, somos, em vários momentos, surpreendidos por uma emoção. Seja ela uma alegria ao compreender que Julien Sorel conquistou realmente a Srta. De la Mole (Stendhal, 1995), ou um pavor indizível ao ouvir o grito do gato preto atrás da parede murada recentemente para ocultar um crime (Poe, 1981). A emoção se antecipa ao próprio entendimento; porém, ambos são fruto da mesma experiência.



Blanchot (1997), em **A parte do fogo**, sublinha o papel da sensação na leitura e a antecedência do sentimento em relação ao saber. "Daí a literatura poder constituir uma experiência que, ilusória ou não, aparece como um meio de descoberta e de esforço, não para expressar o que sabemos, mas para sentir o que não sabemos" (Blanchot, 1997, p. 81).

Da literatura de H. P. Lovecraft podemos retirar alguns momentos ilustrativos desse problema. A história de **Nas muralhas de Erix** (Lovecraft, 2001) se passa em uma colônia terrestre em Vênus. Os habitantes desse planeta têm a forma reptílica. Eles são adoradores de uma espécie de cristal que era possível ser extraído em seus arredores. Para os humanos, esses cristais serviam de combustíveis para seus equipamentos. Esse conto trata de uma expedição de rotina feita, nesse planeta longínquo, com o objetivo de adquirir alguns cristais. O personagem descreve suas desventuras ao atravessar lugares inóspitos desse planeta. Mas, quando ele alcança o Planalto Eryciniano ou Erix, seu coração dispara ao avistar de longe um ponto luminoso no meio da neblina. Ele suspeita ser o cristal desejado. Ao se aproximar, descobre que é realmente um cristal e que está sendo seguro nas mãos de um homem morto. Então ele se pergunta como aquele homem poderia ter morrido em tais condições, no meio do planalto, e com um grande cristal em seu poder. Ele se aproxima e pega o cristal. E, ao prosseguir alguns passos, percebe estar em um labirinto invisível sem saber como sair.

A leitura desse pequeno conto fantástico cobre o leitor de surpresas, calafrios, angústias, ao longo da experiência de lê-lo. O leitor se encontra cada vez mais preso ao conto, submerso ao mundo nele retratado. Ele vai sendo tomado por emoções que precedem o entendimento da história, pois, afinal de contas, o estilo de Lovecraft proporciona uma progressiva e ininterrupta descoberta da trama, mergulhando o leitor em questionamentos sobre a realidade ou não daquilo que acontece ao personagem.

A ambientação de uma história pode tornar o leitor cativo. Ele se sente preso a ela, submetido ao universo retratado por trás do espelho da arte. Em **A linguagem da ficção**, texto contido em **A Parte do Fogo**, Blanchot (1997) retrata essa característica da ficção literária da seguinte maneira:

Veremos então que, por mais prosaica que seja a prosa e por mais próxima da vida comum que esteja a história, aqui a linguagem sofre uma transformação radical porque convida o leitor a realizar sobre as próprias palavras a compreensão do que se passa no mundo que lhe é proposto, e cuja única realidade é ser objeto de uma narrativa. Gostamos de dizer de uma leitura que ela nos prende; a fórmula responde a essa transformação: o leitor é efetivamente preso pelas coisas da ficção que ele recebe das palavras, como propriedades delas; adere a elas com a impressão de estar preso, cativo, febrilmente retirado do mundo, a ponto de sentir a palavra como a chave de um universo de magia e fascinação onde nada do que ele vive é reencontrado (Blanchot, 1997, pp. 80-81).

Esse universo de magia e de fascinação toma o leitor na experiência total do ler. Essa imagem, construída por Blanchot para designar o espaço literário, indica a literatura como um universo de afetação e de ressonância. O espaço literário atravessa o leitor e o escritor com a contundência que possibilita transformações. Ao lermos esse conto de Lovecraft, somos convidados a olhar Vênus pelos olhos do explorador humano. Encontramo-nos impactados pela periculosidade de estar em um planeta tão inóspito. E, por fim, nos sentimos presos aos pensamentos de angústia e revolta do personagem, sendo assolados por uma claustrofobia no labirinto invisível.

No campo experiencial da leitura, o leitor se sente submerso e, ao mesmo tempo, questionado pelas coisas da ficção. Desse modo, o sujeito experimenta, por meio da história, os pensamentos conflitantes do personagem. A imersão do leitor no campo

experiencial da leitura o torna seduzido pelo universo ficcional. Ele acolhe a obra e se sente impelido por ela em sua tarefa de entendimento. A cada vez que progride em seu universo, mais seduzido por ela se torna.

Por não haver padrões de direcionamento de leitura, o leitor se encontra abandonado a si mesmo na atividade de entendimento do escrito. É como se o leitor fosse convidado pelo clamor do fora a delirar junto ao espaço literário. Daí, devido a essa dimensão de *pathos*, o leitor é atravessado pela mesma experiência do fora que o escritor havia experimentado. Essa experiência foge aos destinos da representação e do pensamento reflexivo, já que a experiência literária é aquela em que o sentir e sentido se confundem. Assim, na leitura literária, através de seu potencial de modificação do sujeito, observamos tanto processos ligados a um esquecimento de si quanto a uma confirmação e um deciframento de si.

Preso às palavras, o leitor é arrastado para outro universo, diferente do seu dia a dia. Proust (1954), em ***Contre Sainte-Beuve***, afirma que “um livro é o produto de um outro eu, diferente deste que manifestamos nos nossos hábitos, na sociedade, nos nossos vícios” (p. 127). Ou seja, ao protestar contra a questão da biografia – objeto de análise do método de Sainte-Beuve –, ele salienta que o escritor, quando imerso na experiência total do escrever, é movido por um **eu** muito diferente daquele de seu cotidiano, que, no caso, seria um produto da relação estabelecida entre ele e a obra por vir.

Existe um paralelismo entre as experiências totais do ler e do escrever. O leitor, retirado febrilmente do mundo, se encontra submerso totalmente em sua experiência. Ele delira junto ao texto, sabotando-o e sendo sabotado por ele ao mesmo tempo. Assim, o leitor também sofreria de uma dissolução do ‘eu’, de um perder-se na experiência, já que, como o escritor, o eu do leitor não é o mesmo de sua vida comum. Esse seria uma consequência do encontro com a obra literária.

Em ***Prazer do Texto***, Barthes (2002) constrói uma imagem desse *modus vivendi* que se estabelece na experiência da leitura literária.

Ficção de um indivíduo (algum Sr. Teste às avessas) que abolisse nele as barreiras, as classes, as exclusões, não por sincretismo, mas por simples remoção desse velho espectro: a contradição lógica; que misturasse todas as linguagens, ainda que fossem consideradas incompatíveis; que suportasse, mudo, todas as acusações de ilogismo, de infidelidade; que permanecesse impassível diante da ironia socrática (levar o outro ao supremo opróbrio: contradizer-se) e o terror legal (quantas provas penais baseadas numa psicologia da unidade!). Este homem seria a abjeção de nossa sociedade: os tribunais, a escola, o asilo, a conversação, convertê-lo-iam em um estrangeiro; quem suporta sem nenhuma vergonha a contradição? Ora, este contra-herói existe: é o leitor de texto; no momento em que se entrega a seu prazer (Barthes, 2002, pp. 7-8).

Esse trecho do texto barthesiano apresenta o leitor como uma figura muito diferente da de um homem comum da sociedade, o qual teria sua vida direcionada por padrões sociais e morais. Essa imagem construída por Barthes se aproxima da do próprio rebelde, ou, ao menos, teria mais a ver com o vagabundo baudelairiano que vagueia pelas ruas anônimas da cidade por puro diletantismo. No entanto, ele seria a própria abjeção de nossa sociedade, não só por estar separado dos outros homens através dessa experiência solitária que é a leitura, mas por acolher uma escrita que tem, justamente, a natureza de colocar a sociedade em questão, utilizando-se de histórias que não louvam mais heróis, como no caso das epopeias gregas, e sim tratam de conflitos de ordem existencial, muito próximos a nós, homens modernos.

Nesse caso, poderíamos salientar que há prazer no ler, mas acreditamos que essa expressão não engloba toda a esfera do campo experiencial da leitura. A ideia de

prazer remete, de certa forma, a um 'eu' que permanece. Gostaríamos de sublinhar que a leitura literária (como a escrita) é atravessada também por uma experiência de abandono e de perda de si. Pensamos ser melhor falar de uma efusão do ler, pois a leitura como fruto de um espaço de ressonância tem uma característica de propagação.

No campo experiencial da leitura, as forças atuantes – opressoras, de um lado, e criativas, de outro – se propagam tanto pela esfera de sentido quanto pelo corpo do sujeito leitor, fazendo com que este experimente ora um distanciamento de si, ou melhor, um esquecimento de si proveniente de uma espécie de fusão com o objeto literário, ora um retorno a si, ou uma reafirmação de si fundada em uma confirmação de seus ideais sobre a vida, tendo passado pelo questionamento incisivo vindo das palavras de um outro. Fusão e alteridade atravessam, desse modo, as vicissitudes da leitura literária.

A experiência leitora tem um forte apelo existencial. Ela pode causar certos conflitos. O sujeito, ao ler, pode se deparar com uma história que lhe seduza pelos questionamentos endereçados a ele mesmo, fazendo-o pensar diferentemente, ou que lhe exerça uma atração pelos argumentos que afirmam aquilo que ele já pensava. A literatura pode incitar o leitor a uma determinada ação no mundo.

Piegay-Gros (2002), em **Le Lecteur**, questiona-se acerca da natureza desse impacto sobre a vida do leitor. Ela faz uma pergunta muito pertinente: a leitura seria uma experiência que leva o sujeito a experimentar realmente a alteridade ou a confirmar a si mesmo?

Uma das dimensões dessa questão está relacionada ao esquecimento de si no ato de ler. Ao mergulhar na leitura, há uma suspensão relacional entre o leitor e o mundo circundante.

Ler é certamente se ausentar de si mesmo, submeter sua própria identidade a um desvio, ou antes, a uma suspensão. A necessidade da solidão, que alguns experimentam ao se entregar à leitura, é um signo: eu não posso ler em público, porque ler é uma atividade muito íntima; lendo, eu me coloco à descoberta, eu me mostro outro que eu não sou habitualmente para os outros. [...] O leitor é este que se esquece, que se perde no texto e no mundo do outro. E que esquece os outros, aqueles do mundo circundante; ele faz violência aos desejos deles; à sua preocupação, à sua lógica (Piegay-Gros, 2002, p. 36).

Na leitura literária, o sujeito experimenta uma solidão particular que aponta para o caráter íntimo desse ato. Ao ler, o sujeito se defronta com um comportamento muito diferente do seu cotidiano. Ele se submete a uma suspensão das ações. O eu atuante na leitura é precisamente um eu proveniente do campo experiencial. Poderíamos parafrasear um texto blanchotiano e afirmar que, antes da leitura, o leitor não existe ainda e, depois da leitura, ele não subsiste mais. Aqui, podemos ver a aproximação entre os argumentos de Piegay-Gros e os de Sartre em sua análise sobre a diferença entre a percepção e a imaginação. Em **O imaginário**, Sartre (1996) afirma que a percepção e a imaginação são mutuamente excludentes. Por exemplo, quando estou lendo **Crime e Castigo**, não percebo a aproximação de meus amigos. E quando percebo a presença deles, sou desfocado de minha leitura.

A leitura está ligada a um distanciamento do leitor em relação ao mundo. No entanto, esse esquecimento, salientado por Piegay-Gros, não seria apenas um esquecimento do mundo a sua volta, como aponta Sartre. Ele seria, justamente, um esquecimento de si, uma fusão às coisas da ficção. A leitura seria uma operação de estranheza singular, pois faz o sujeito se perder no universo ficcional proposto pelo escrito, para depois se reencontrar ou não mudado pelos questionamentos a ele dirigidos. A modificação subjetiva decorre dessa reviravolta no campo experiencial da leitura.

H. P. Lovecraft (1997) faz muitas alusões a um livro antigo intitulado **Necronomicon ou o Livro dos Nomes Mortos**, de Abdul Alhazhed. Todas essas menções, encontradas ao longo de sua obra, apontam para a periculosidade de se ler esse escrito do autor árabe. Sua leitura, segundo o escritor norte-americano, poderia levar o leitor a sofrer muitas inquietações em seu espírito ou, até mesmo, ir à loucura. É curioso observarmos as semelhanças entre os comentários de Lovecraft sobre o livro de Alhazhed e o filme ***In The Mouth of Madness*** (Carpenter, 1994). Essas histórias de loucura se fundam na ideia de que um livro pode fazer o leitor esquecer-se de si mesmo a ponto de não ter mais volta. Afinal de contas, o espaço literário é um convite a delirar junto à língua, já que a literatura é um modo de tratar a língua maior que resiste aos padrões impostos por ela, e que coloca, assim, tudo em questão: a língua, o mundo e até o sujeito que adentra em seu espaço. Daí a recorrência dessas histórias que relacionam a loucura com a leitura, já que a leitura literária, como a escrita, é atravessada pela questão do enlouquecimento da linguagem. No fundo, a restrição de interpretações de escritos se baseia no medo da desordem, do caos, da loucura, seja na dimensão meramente linguística, seja na dimensão propriamente existencial. Mas de onde viria esse potencial de esquecimento de si que é possível observar com a leitura literária?

O acolhimento leitor é uma escuta apurada, direcionada àquilo mesmo que deu à luz a literatura: o abismo das palavras, o fora, a “boca da loucura”. O esquecimento de si tem a ver com esse convite obscuro da literatura feito ao leitor com o intuito de fazê-lo perder-se para perceber que suas convicções nem sempre são verdades. Contra a simplicidade da convicção e a vontade de verdade, o espírito da literatura opõe, como sustenta Kundera (1986), em ***L'art du roman***, um espírito de complexidade que leva em conta uma espécie de relativismo. O romance afirmaria ao leitor: “As coisas são mais complicadas do que tu pensas” (Kundera, 1986, p. 30).

Esse espírito da literatura devolve uma questão ao leitor, deixando-lhe o trabalho árduo da reflexão, o qual pode levá-lo a um entendimento de si mesmo. Ou seja, há um movimento que vai do esquecimento à decifração de si.

A leitura nos modifica, ela pode nos expatriar de nós-mesmos, nos introduzir no pensamento do outro, mas, também, ela nos reconduz mais perto de nós, a despeito talvez de nos reconciliar com nós-mesmos. Ela define nossa identidade e nos permite nos decifrar; a metáfora ótica empregada por Proust é, partindo desta consideração, essencial. O leitor dispõe do livro como de uma luneta, que ele acomoda à sua maneira, a fim de melhor ver a sua volta e a si mesmo; o livro é logo um prisma mais que um objeto qualquer; ele é este pelo qual lemos o mundo (Piegay-Gros, 2002, p. 38).

Ser convidado a pensar diferentemente! A leitura nos distancia de nós mesmos pelo viés de uma alteridade singular: a do pensamento de outrem. Entretanto, ela, por outro lado, nos aproxima de nós mesmos, devido ao retorno da questão, através da reflexão sobre o objeto literário. A leitura literária marca nosso corpo com os depósitos de uma reflexão vinda de outrem, possibilitando-nos olhar o mundo por um prisma diferente. É curiosa essa imagem proustiana, evocada por Piegay-Gros. A partir da experiência total do ler, podemos observar as coisas a nossa volta e a nós mesmos de outra forma. Um exemplo que poderíamos usar seria a experiência de ler a história do Sr. Roquentin, expressa no livro ***A náusea***, de Sartre (1938). Esse livro retrata um sentimento de estranheza do personagem em relação ao mundo e a si mesmo. Sua leitura pode produzir, pelo meio de uma fusão com a vivência do personagem, um estranhamento de si e das coisas. Entretanto, como um efeito posterior, o leitor passa a olhar de outra maneira o mundo a sua volta, em pequena ou em grande escala.

Podemos assinalar, junto à reflexão de Jouve (2002), que, na leitura, se o sujeito procura na experiência do ler a sua semelhança, ele tem o objetivo de se confirmar,

de encontrar no escritor um par para o pensamento. Então, ele gostaria de achar no texto algo que confirme o que ele pensa sobre a vida e sobre o mundo. Essa forma de leitura estaria mais ligada a textos teóricos e a *best-sellers*. Esses textos estão vinculados a um público preestabelecido e que se unifica em torno de ideias e pensamentos semelhantes<sup>2</sup>. Todavia, quando o sujeito depara com uma diferença, ele é convidado a entrar em um campo experiencial que lhe possibilita um distanciamento de si, proveniente da vivência do pensamento de outrem, para, depois desse primeiro momento, retornar sobre si. Esse movimento o ajuda não a confirmar o que ele era, mas sim a entender o que ele veio a ser. A possibilidade da mudança subjetiva decorre desse movimento que atravessa o distanciamento, ao se aproximar da palavra do outro, para chegar a um retorno sobre si mesmo, possibilitando questionar o que se é.

Tanto Jouve (2002) quanto Piegay-Gros (2002) concordam sobre essa experiência de alteridade derivada do campo experiencial da leitura literária. Jouve afirma que "o interesse do texto lido não vem mais então daquilo que reconhecemos de nós mesmos nele, mas daquilo que aprendemos de nós mesmos nele" (Jouve, 2002, p. 131). Ou seja, através dessa experiência intensa, podemos aprender realmente algo sobre nós mesmos, desconhecido até então, devido à reverberação do pensamento de outrem e das forças atuantes nesse campo. Piegay-Gros salienta o mesmo, ao apontar que "a leitura permite se distrair da política, ela é um exercício solitário que, pelo desvio do pensamento dos outros, nos faz retornar a nós mesmos" (Piegay-Gros, 2002, p. 30). A leitura seria, então, uma atividade solitária que convida aquele que a exerce tanto à alteridade quanto ao retorno sobre si mesmo, sendo, desse modo, um ato que torna possível uma mudança na esfera subjetiva.

Porém, algo interessante ocorre na experiência da leitura literária: a afirmação leitora, essa que provém de um campo de imanência em que nos encontramos sozinhos junto ao objeto literário. As tarefas de escutar a obra e de produzir seu entendimento apontam para uma espécie de intolerância.

Nesse campo experiencial, o leitor se encontra em um embate com a obra e com o autor. Segundo Blanchot, o leitor acolhe a obra. Ele não obtém uma comunicação ao ler um texto literário, e sim faz "com que a obra se comunique" (Blanchot, 1987, p. 199). Essa estranha comunicação não decorre nem de uma primazia do dinamismo psíquico do leitor nem de um primado das regras rígidas de decodificação do texto literário. O leitor deixa que a obra seja o que ela é. Entretanto, esse encontro com o objeto literário causa ao leitor um comprometimento com o sentido do texto; afinal de contas, será ele que dará a vida à obra, numa espécie de ressuscitação das palavras criadas pelo escritor.

Esse comprometimento com a experiência aponta para um processo de intolerância ou de entendimento afirmativo da obra. É como se a leitura tracejasse um caminho na experiência, uma afirmação do que a obra é. Para entendermos isso, poderíamos parafrasear um texto foucaultiano<sup>3</sup> e dizer que cada novo ato de leitura implica, pelo menos, quatro tipos de recusa: primeiro, recusar a leitura feita por outros; segundo, recusar aos outros o próprio direito de fazer uma leitura, negar novos modos de ler que não sejam aqueles concebidos no próprio ato; terceiro, negar a si mesmo a ideia de que sua leitura é a melhor possível do texto estabelecido; e quarto, negar a existência da figura do escritor que se lê.

O que essas figuras de recusa poderiam trazer para enriquecer nosso questionamento sobre a leitura literária? Essa intolerância perspectivista é uma afirmação própria à experiência leitora, que se caracteriza por não tornar as impressões provenientes da leitura uma moeda de direcionamento de outras leituras. Há intolerância, pois há recusa de qualquer ideia transcendente à experiência de acolhimento da obra literária. Poderíamos apontar que a intolerância aqui assinalada seria um sinônimo do ato afirmativo radical, engendrado através da experiência total da leitura literária. O aco-

lhimento afirma o que a obra é: algo longe de seguir os ditames de uma tradição. A leitura recusa os imperativos derivados da leitura de outros homens, de si mesmo e do próprio escritor. Desse modo, ninguém teria direito de impor o sentido do texto literário aos outros. Não haveria primado de uma leitura sobre outras. Não haveria verdade na leitura, e sim perspectivas tomadas no espaço de ressonância. Essas perspectivas jogam como se fossem verdades – daí o caráter intolerante –, mas são verdades lúdicas, para usar aqui uma feliz expressão de Barthes (1984). Lúdicas, porque elas só têm valor enquanto houver jogo. Quando não há jogo, não há verdade, só enganação.

## Referências

- Almeida, L. P. (2009). *Escrita e Leitura, a produção de subjetividade na experiência literária*. Curitiba: Juruá.
- Barthes, R. (1984). *Escrever a leitura*. In R. Barthes, *O Rumor da língua* (pp. 40-42). São Paulo: Brasiliense.
- Barthes, R. (2002). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- Blanchot, M. (1969). *L'Entretien Infini*. Paris: Gallimard.
- Blanchot, M. (1987). *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Blanchot, M. (1997). *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Borges, J. L. (1995). La poesia. In J. L. Borges, *Siete Noches* (pp. 99-121). Guadalajara: Fondo de Cultura económica.
- Carpenter, J. (1994). *In The Mouth of Madness* (J. Carpenter, Dir. M. De Luca, Rot.) [Filme]. EUA: New line Cinema co. 95 min, Color. Dolby SR/DTS.
- Carroll, L. (2002). Através do espelho e o que Alice encontrou por lá. In L. Carroll, *Alice, edição comentada: Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho* (pp. 125-266). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Chartier, R. (2001). Do livro à leitura. In R. Chartier (Org.), *Práticas da leitura* (pp. 77-105). São Paulo: Estação Liberdade.
- Deleuze, G. (2000). *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (1975). *Kafka, pour une littérature mineure*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- De Man, P. (1996). La circularité de l'interprétation dans l'œuvre critique de Maurice Blanchot. *Revue Critique. Maurice Blanchot*, 22(229), 547-560.
- Dostoiewski, F. (1996). *Uma História Lamentável*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Foucault, M. (2000). Linguagem e literatura. In R. Machado, *Foucault, a filosofia e a literatura* (pp. 137-174). Rio de Janeiro: JZE.
- Goulemot, J. M. (2001). Da leitura como produção de sentidos. In R. Chartier (Org.), *Práticas da leitura* (pp. 107-115). São Paulo: Estação Liberdade.

Almeida L. P.

Jewison, N. (1999). *Hurricane* [Filme] (N. Jewison, Dir.). EUA: Universal Pictures. 146 min, Color. Dolby Digital SDDS/DTS.

Jouve, V. (2002). *Leitura*. São Paulo: Ed. Unesp.

Kundera, M. (1983). *A insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira.

Kundera, M. (1986). *L'art du roman*. Paris: Gallimard.

Kundera, M. (1993). *Les Testaments trahis*. Paris: Gallimard.

Lovecraft, H. P. (1997). *O caso de Charles Dexter Ward*. Porto Alegre: L&PM.

Lovecraft, H. P. (2001). Nas muralhas de Erix (C. M. Paciornik, Trad.). In H. P. Lovecraft, *A maldição de Sarnath* (pp. 152-188). São Paulo: Iluminuras.

Piegay-Gros, N. (2002). *Le lecteur, textes choisis & présentés par Nathalie Piegay-Gros*. Paris: GF Flammarion.

Poe, E. A. (1981). O gato preto. In E. A. Poe, *Histórias Extraordinárias* (pp. 39-52). São Paulo: Abril Cultural.

Proust, M. (1954). *Contre Sainte-Beuve*. Paris: Gallimard.

Sartre, J. P. (1938). *La nausée*. Paris: Gallimard.

Sartre, J. P. (1947). A propos de John dos Passos et de <1919>. In J. P. Sartre, *Situations I, essais critiques* (pp. 14-25). Paris: Gallimard.

Sartre, J. P. (1996). *O imaginário*. São Paulo: Ed. Ática.

Stendhal. (1995). *O vermelho e o negro*. São Paulo: Nova cultural.

Wilde, O. (1995). O Retrato de Dorian Gray. In O. Wilde, *Oscar Wilde – obra completa* (pp. 55-224). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar.

Submetido em: 24/01/2013

Revisto em: 17/05/2014

Aceito em: 24/05/2014

### **Endereço para correspondência**

Leonardo Pinto de Almeida  
leonardo.p.almeida@gmail.com

I. Docente. Universidade Federal Fluminense (UFF). Campos. Estado do Rio de Janeiro. Brasil.

1 Alusão ao conto de Lewis Carrol (2002) **Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá**.

*A experiência total da leitura literária*

2 É óbvio que podemos ver esse modo de funcionamento leitor também com textos propriamente literários, através, por exemplo, de comunidades de leitores que se encontram atrelados ao nome de um autor.

3 Alusão ao texto de Foucault intitulado **Linguagem e Literatura** (2000).